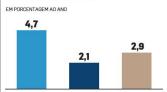


## RITMO INTENSO

Crescimento rápido e redução da pobreza na Indonésia

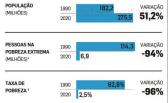
## Pé na tábua

De 1990 a 2022,o PIB da Indonésia cresceu em média a 4,7% ao ano, mais do que o dobro que o do Brasil e 60% a mais que a média mundial no mesmo período



## Progresso visível

Nos últimos 30 anos, a população em situação de pobreza extrema<sup>1</sup> diminuiu de forma extraordinária na Indonésia



'TOTAL DE PESSOAS OU PARCELA DA POPULAÇÃO COM RENDA OU CONSUMO INFERIOR A USS 2,15 POR DIA, EM VALORES DE 2017, AJUSTADOS PELA PARIDADE DO PODER DE COMPRA (PPP)

FONTE: BANCO MUNDIAL / INFOGRÁFICO ESTADÃO

nésia tenha recebido "grau de investimento" das agências de classificação de risco.

DÚVIDAS. Como o Brasil, a Indonésia é um país rico em recursos naturais, com um enorme potencial para se beneficiar com a transição energética. É o maior produtor mundial de níquel, componente crítico para baterias de carros elétricos, terceiro maior produtor de cobalto, maior exportador de óleo de palma, segundo maior exportador de carvão e quinto maior produtor de bauxita, usa-

da na produção de alumínio.

Recentemente, a Indonésia, que foi um dos pilares do antigo movimento não alinhado, rejeitou o convite para aderir ao Brics, o grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, que incorporou novos integrantes no ano passado. Foi um movimento cuio objetivo, de acordo com analistas, era não passar a mensagem de que o país, que sempre manteve neutralidade na disputa entre a China e os EUA, estaria se colocando na esfera de influência de Pequim.

A questão é que, apesar de todas essas vantagens, a Indonésia tem problemas estruturais que acabam gerando dúvidas de que o país conseguirá manter ou até acelerar ainda mais o crescimento robusto registrado desde a crise asiátira, para melhorar ainda mais a qualidade de vida da população.

A fatia da manufatura no PIB, por exemplo, que chegou a mais de 30% no fim do século passado, caiu a menos de 20%, bem abaixo de muitos de seus vizinhos. Entre 1990 e 2010, segundo a McKinsey, o aumento

da produtividade, um dos fatores que garantem o crescimento sustentável de longo prazo, respondeu por mais de 60% do aumento do PIB. Só que, desde então, a produtividade estagnou ou até declinou.

A participação da Indonésia nas cadeias de valor também é inferior à média global. Os investimentos diretos líquidos (descontadas as remessas) recebidos pelo país, de 1,6% do PIB em 2022, também são relativamente modestos, em comparação com outros países asiáticos – mesmo o Brasil, que teve resultado bem abaixo das expectativas no primeiro ano do governo Lula, recebeu um total líquido de investimentos externos de 2,9% do PIB, segundo o Banco Central.

CAPITAL. A dependência da Indonésia de capital volátil de curto prazo, que é aplicado no mercado financeiro, em ações ou em títulos do governo, acaba aumentando as incertezas em relação às contas externas. Em 20-22, a redução das importações e o aumento dos preços das commodities, em razão da guerra na Ucrânia, suavizaram o problema, mas ele está lá, à espreita, podendo emergir a qualquer momento.

Nos últimos anos, o presidente Joko Widodo até vem tentando implementar medidas para melhorar o quadro. Mas, ao mesmo tempo em que transmite sinais de que as coisas estão indo na direção certa, promove intervenções que podem agravar a situação.

Em 2020, por exemplo, Widodo lançou um pacote com cerca de 70 medidas para melhorar o ambiente de negócios, como flexibilização das leis trabalhistas e alívio nas restrições para investimento estrangeiro. Depois de o Congresso ter aprovado as medidas, a Suprema Corte considerou algumas inconstitucionais, dando um prazo ao governo para modificar os dispositivos. Mas, ainda que precise de ajustes, a ação governamental estava na direção certa.

No entanto, Widodo proibiu as exportações de níquel, com objetivo de processar o metal no próprio país, gerando questionamentos da União Europeia na Organização Mundial do Comércio (OMC). Ele está tentando também criaruma indústria local de baterias e veículos elétricos, ampliando o valor agregado das exportações, e até conseguiu atrair grandes grupos da Coreia e da China, mas à custa de medidas de proteção à produção local.

O governo ainda pressionou a Freeport McMoRan, empresa de mineração americana, a vender parte de suas ações na 
Grasberg, uma mina de ouro e 
prata que ela controlava, para 
manter sua influência na exploração mineral.

Desde o início de seu primeiro mandato, em 2014, Widodo também realizou uma espécie de PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) indonésio, com investimentos estatais em infraestrutura. Um dos projetos é uma linha de trembala de Jacarta a Bandung, feita em parceria com a China.

em parceria com a Chima.

Nalista de realizações, Widodo inclui 2.042 km de rodovias,
16 aeroportos, alguns dos quais
em locais sem demanda suficiente, 18 portos e 61 barragens. Boa parte dos projetos, segundo a revista Economist, foi tocada por estatais, causando um aumento das dívidas das empresas, que são de responsabilidade do governo, mas não aparecem na contabilidade oficial.

## Vitrine Mudança da capital de Jacarta para Bornéu deve custar US\$ 34 bilhões aos cofres públicos

Seu projeto mais ambicioso é a mudança da capital de Jacarta para a ilha de Bornéu, sob a justificativa de que a cidade está afundando 25 centímetros por ano e a Indonésia precisa levar o desenvolvimento para além da ilha de Java – um plano que lembra o projeto de Juscelino Kubitschek em Brasília.

Com custo de US\$ 34 bilhões, a nova capital, Nusantara, será uma cidade inteligente, ecológica, e ficará pronta em 2045, no centenário da independência. Mas, se tudo der certo, a primeira fase será finalizada ainda este ano, permitindo a mudança do palácio do presidente, das Forças Armadas e dos ministérios. "Queremos construir uma cidade do futuro baseada na floresta e na natureza", disse Widodo ao Financial Times, "Será a vitrine da transformação da Indonésia.'

Diante deste quadro, a trajetória do país parece desafiar a lógica, mesmo com as contas relativamente em ordem. Pode até ter funcionado até agora, mas é difícil afirmar se esse caminho levará a Indonésia a um novo ciclo de prosperidade.

Para a Indonésia se tornar a quarta maior economia do planeta em 2050, atrás apenas de China, EUA e Índia, como prevê o Goldman Sachs, é provável que mais do mesmo não seja suficiente. Segundo analistas, o único caminho capaz de assegurar o crescimento sustentável de longo prazo é o aumento da produtividade – e não há atalhos para chegar lá.

A Indonésia terá de seguir a velha cartilha: realizar reformas estruturais, reduzir a interferência do Estado na economia, combater a corrupção, melhorar o ambiente de negócioe a governança das instituições, além de eliminar ainda
mais as restrições para o investimento estrangeiro e para o comércio exterior. ●

a